



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## A PEDAGOGIA DO CATOLICISMO: AS CARTAS COMO MECANISMO DE FORMAÇÃO

MARIA JOSÉ DANTAS

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

**RESUMO** Este artigo enfatiza o debate acerca dos usos das correspondências como mecanismo para difusão do catolicismo. A investigação se debruça sobre a escrita epistolar de Paulo de Tarso, Clara de Assis, Catarina de Sena e Teresa d'Ávila. O suporte teórico-metodológico que fundamenta o estudo está centrado na História da Educação, História da Igreja e História Cultural, tendo como base os conceitos de representação e apropriação de Roger Chartier; carisma e campo religioso de Pierre Bourdieu; além de estratégia de Michel de Certeau. A análise viabilizou decifrar diálogos, conhecer personagens e lugares, além de compreender a história em determinado espaço e tempo. Investigar a escrita destes santos possibilitou acompanhar as atividades de pessoas que proporcionaram, por meio de cartas, formação, instrução e transmissão de valores católicos a pessoas de diversas partes do mundo. **PALAVRAS-CHAVE:** Cartas. Catolicismo. Pedagogia.

**RESUMEN** En este artículo se hace hincapié el debate sobre los usos de la correspondencia como un mecanismo para la difusión del catolicismo. La investigación se centra en la análisis de correspondencias de Pablo de Tarso, Clara de Asís, Catalina de Siena y Teresa de Ávila. El soporte teórico y metodológico que subyace en el estudio se centra en la Historia de la Educación, Historia de la Iglesia y Historia de la Cultura. Basado en los conceptos de representación y apropiación de Roger Chartier; carisma y campo religioso de Pierre Bourdieu; así como la estrategia de Michel de Certeau. El análisis permitió descifrar los diálogos, conocer personajes y lugares, y entender la historia en un espacio y tiempo determinados. La investigación de estos santos, permitido conocer las actividades de las personas que han proporcionado, a través de cartas, formación, educación y la transmisión de los valores católicos a la gente de todo el mundo. **PALABRAS CLAVE:** Catolicismo. Correspondencia. Pedagogía.

**INTRODUÇÃO** Um rápido olhar sobre a História da Igreja[1] permite perceber que o cristianismo tem um sentido amplo: diz respeito tanto aos acontecimentos relacionados à fé, às ideias e aos ensinamentos de Cristo, como também possui fases sucessivas de ascensão e de decadência, de perseguições, cismas, apostasias e heresias. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica - CIC (1993), a Igreja de Cristo foi prefigurada desde as origens do mundo, preparada pela Antiga Aliança e fundada por Jesus. Contudo, ao longo dos séculos sofreu divergências de doutrinas, palavras e ritos e precisou lidar com questões políticas ligadas às disputas de poder. Acabou por ser dividida e os cristãos começaram a se separar, o que causou o surgimento da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa. Posteriormente motivadas pela Reforma Protestante no século XVI, surgiram também outras igrejas cristãs: as igrejas protestantes, a igreja luterana, a igreja anglicana, dentre outras. A palavra "católico", segundo o parágrafo 830 do CIC, significa "universal", no sentido de, "segundo a totalidade". Assim, a Igreja é católica porque é representada como aquela enviada em missão por Cristo à universalidade do gênero humano (CIC, 1993, p.204). Porém é importante deixar claro, que apesar de assumir grande representatividade em muitos países a Igreja que assume uma representatividade forte em muitos países, inclusive no Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana representa apenas uma parte dos muitos cristãos existentes no mundo. Mas nesta análise a ênfase estará restrita ao pensamento de Santos e de cristãos ligados a esta Igreja Romana. No que diz respeito à pedagogia do catolicismo, é importante ressaltar que existe pedagogia cristã e pedagogia católica.[2] De acordo com o CIC, já desde o Antigo Testamento percebe-se indícios de uma pedagogia divina ligada à salvação. Existia o desejo de Deus de salvar e guiar o seu povo, por isso Ele enviou o Seu Filho, que se encarnou e viveu durante 33 anos anunciando a boa nova. Com a vinda do Messias teve início o Novo Testamento e estas narrativas são respectivamente apresentadas pelos quatro livros históricos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Os Evangelhos não apresentam nenhuma evidência sobre a existência de livros ou cartas escritas por Jesus em papiro ou outra forma de manuscrito. Contudo o Evangelista João, no capítulo 8, versículo 8, refere-se a um momento de escrita de Jesus: "Inclinando-se novamente, escrevia na terra." Os evangelistas apresentam a didática de Jesus, seus modos de ensinar e suas estratégias docentes. Jesus viveu há mais de 2000 anos e apesar não ter escrito nenhum texto detalhando sua metodologia, muitos têm escrito sobre Ele, a começar pelos Apóstolos, pelos Padres da Igreja e por muitos cristãos ao longo dos séculos. De acordo com Nunes (1978),

Antes de voltar ao Pai, no dia da Ascensão, Jesus ordenou aos discípulos que pregassem o Evangelho a toda a criatura através do mundo inteiro. Com isso ele impôs aos seus seguidores uma tarefa docente limitada ao anúncio da sua doutrina, à difusão das verdades religiosas. Sem embargo

disso, o Cristianismo sempre foi uma religião que inspirou a leitura e o estudo, como o comprova a sua história através dos séculos. A doutrina de Cristo e os ensinamentos da Igreja vieram a influenciar as disciplinas escolares e a inspirar os currículos e programas, assim como a motivar os artistas em suas composições e a promover múltiplas instituições sociais, como hospitais, associações e escolas, em decorrência da caridade que inflamou tantas pessoas levando-as à prática das obras de misericórdia espiritual e corporal (NUNES, 1978, p. 1).

Em contrapartida, para impor esta tarefa educativa, Ele precisava ser dotado de uma autoridade docente. Assim, pode-se perguntar: quando Jesus ensinou?

O que ensinou?

A quem ensinou?

Como ensinou?

Segundo os Evangelhos, Jesus falou para multidões na Palestina, em Nazaré, em Cafarnaum, às margens do mar da Galiléia. Esteve nas sinagogas, nas aldeias, cidades e nas montanhas. Falou para todos: livres e escravos, homens, mulheres e crianças, leprosos, cegos e aleijados.

Jesus fez das sinagogas, congregações judaicas, o seu principal ponto de contato, embora também pregasse ao ar livre. Ele declarava ensinamentos éticos, reexaminava os princípios da lei, demonstrava a sua autoridade, elevou imensamente o tom e a qualidade do ministério nas sinagogas. Não tinha treinamento formal e nem credenciais ordinariamente requeridas de um mestre na sinagoga; a despeito disso, era largamente aceito como mestre (CHAMPLIN, 1995, p. 9).

O Cristianismo se difundiu fundamentado na base pedagógica de Jesus Cristo. E sua pedagogia é a pedagogia do sucesso: Jesus realizou diversas curas físicas e emocionais. Apresentou também uma pedagogia da ruptura com o passado, perdoadando os pecadores, conversando com mulheres, curando em dia de sábado. Uma pedagogia magistral, apresentada de maneira concreta no sermão da montanha, quando Ele proclamou as bem aventuranças. O material de ensino utilizado por Jesus era a natureza em suas várias expressões. Ele contou parábolas e apresentou um conjunto de imagens, de representações conhecidas pelo povo: sal, semente, terra,

farinha, ovelha, pastor. Com essa pedagogia, baseada na oralidade, Jesus foi capaz de atrair, manter e fixar a atenção do seu público. Neste sentido, de acordo com Nunes (1978), a doutrina cristã tem um caráter pedagógico. Ela esclarece o homem e lhe propicia os meios necessários para alcançar a eterna felicidade. Ainda segundo este autor (1978), no Novo Testamento, encontramos além dos ensinamentos gerais da Pedagogia do Cristianismo, as normas e advertências a respeito da educação propriamente dita das crianças e dos jovens. Franco Cambi (1999) realiza uma abordagem sobre os traços da pedagogia presentes nos Evangelhos. Ele traçou um perfil histórico, dentro da concepção cristã, que permite pensar nas propostas educativas evidenciadas pelo Cristianismo. Para tratar a educação, ele partiu da antiguidade, apontando a religião cristã como uma revolução educativa.

Quanto aos Evangelhos, são evidentes alguns aspectos fundamentais da educação cristã: que é projetada e guiada por um mestre-profeta (como Cristo), que fala contra os hábitos correntes e quer provocar uma catástrofe interior, uma renovação espiritual, através de uma mensagem que inquieta e que desafia a tradição e a indiferença subjetiva; mensagem exemplificada, por exemplo, no Sermão da montanha, com suas referências aos “pobres de espírito”, aos “que têm sede de justiça”, aos “puros de coração”, para ativar uma regeneração interior, mas também as invectivas de Cristo contra a hipocrisia dos fariseus e dos escribas, “sepulcros caiados” que vivem a religião apenas como ato formal, contra os mercadores do templo etc (CAMBI, 1999, p. 123-4). Esta pedagogia de Jesus apresentada pelos Evangelhos e pelos apóstolos em suas cartas é uma pedagogia voltada para todos os cristãos, católicos e não católicos. Contudo, como foi dito anteriormente, por conta das várias divisões entre os cristãos, quando se fala em uma pedagogia cristã, não se pode pensar apenas nas questões ligadas à Igreja Católica Apostólica Romana, visto que cada igreja cristã adquiriu autonomia para a formação de seus fiéis. Observando a própria Igreja Católica, pode-se perceber que são várias as abordagens pedagógicas ligadas ao catolicismo: a pedagogia dos Jesuítas, dos Lassalistas, dos Maristas, dos Salesianos, dos Dominicanos, dos Franciscanos, dentre outras. Assim, por pedagogia cristã é possível entender tudo aquilo que diz respeito aos ensinamentos de Cristo ligados ao cristianismo, católico e não católico. E quando se fala de pedagogia católica, especificamente no caso brasileiro e no estudo realizado, estamos falando

sobre uma pedagogia ligada à Igreja Católica Apostólica Romana, Pedagogia esta que foi explicada a partir da Encíclica *Divini Illius Magistri* de Pio XI[3], e que foi enfatizada também pela Declaração *Gravissimum Educationis* no Concílio Vaticano II. O Papa Pio XI, como representante na terra do Divino Mestre, preocupou-se com os ensinamentos que se referiam à educação católica da juventude e elaborou uma série de orientações para os jovens, pais, mães e educadores. A partir de sua Encíclica, alguns estudiosos começaram a verificar o delineamento dessa pedagogia católica, dentre estes Van Hôvre, considerado o maior tratadista da época sobre pedagogia católica. Segundo Sgarbi (2001), esse autor recolheu as ideias relacionadas à educação dos maiores pensadores daquele momento e, a partir do pensamento de vários educadores e do seu próprio, sistematizou a pedagogia católica.

A primeira característica essencial da pedagogia católica pode ser encontrada na sua conexão orgânica com o catolicismo. O próprio catolicismo seria uma pedagogia, e a ciência da educação só poderá encontrar sua condição essencial na pedagogia católica. [...] A concepção católica do mundo e da vida já traz em si uma pedagogia. A existência de Deus, a criação, o Deus amor, o homem criado à imagem e semelhança de Deus, a imortalidade da alma, os quatro últimos fins do homem (morte, julgamento, céu ou inferno) são, não só revelações teológicas do mundo invisível, mas um fundamento, uma luz, uma força, uma disciplina de vida para espírito humano. Deve-se dizer o mesmo da moral, dos exemplos dos santos, da liturgia, dos sacramentos, da eucaristia, dos retiros e do conjunto da comunidade eclesial. É aqui que se encontram as fontes de sabedoria educadora. Está nesta realidade a força dinâmica que transforma o homem e o instrui, que o disciplina e o engaja, que o faz retornar a si mesmo, recolher-se, governar-se e se elevar a Deus (HÔVRE *apud* SGARBI, 2001, p. 216-217). Ainda de acordo com Sgarbi (2001), De Hôvre defende a ideia de que a Bíblia é o maior dos manuais de psicologia e a obra-prima da pedagogia. Assim, “o catolicismo seria ao mesmo tempo uma doutrina e uma pedagogia. E, para a Igreja, a pedagogia não é uma área especial de estudos, mas um órgão do organismo católico. A própria Igreja seria um sistema pedagógico: cada paróquia, uma escola; cada santo, um pedagogo” (Hôvre *apud* Sgarbi, 2001, p. 217). Observa-se que a Igreja Católica

construiu e administrou, ao longo dos séculos, uma trajetória que interessa a História da Educação. No interior de seu processo formativo existem aspectos relevantes de culturas escolares[4] desenvolvidas por Santos e congregações religiosas, bem como práticas educativas de professores e diferentes tipos de recursos pedagógicos utilizados. Dentre esses, as cartas. A escrita epistolar no cristianismo começou a ser aplicada já desde as primeiras comunidades. As cartas foram utilizadas pelos Apóstolos[5] e assumiram dimensões instrutivas, catequéticas e evangelizadoras. Na História da Igreja Católica, percebe-se que vários Santos e Santas, além dos Apóstolos, serviram-se deste veículo de comunicação. Pode-se citar Santa Catarina de Sena, Santa Teresa D'Ávila, Santa Clara de Assis, São João Crisóstomo, São Jerônimo, Santo Agostinho, São Gregório Magno, Santa Gemma Galgani, dentre outros que aproveitaram as cartas como recursos para suas atividades formativas. **PAULO E SUAS CARTAS** Dentre os autores bíblicos, o Apóstolo Paulo se destaca pelo número de cartas que lhe são atribuídas. Estes escritos, aliados ao livro Atos dos Apóstolos, constituem-se as principais fontes que têm permitido que muitos escritores escrevam sobre Ele. Se poderia dizer que Paulo é um personagem cuja trajetória se insere na perspectiva do "documento-monumento" de Jacques Le Goff: ele é monumento pelo poder de perpetuação de seus ensinamentos por meio da tradição da Igreja e é documento pela legitimidade dada aos seus escritos por parte dos cristãos. A narrativa de Paulo tem sido professada pelo cristianismo e inspirado muitos pensadores – cristãos ou não. O uso epistolar tem sido uma estratégia de doutrinação e evangelização, desde a origem do catolicismo. No entanto, é importante pensar sobre as dificuldades de escrever na época de Paulo. Não existiam cadernos e canetas como as que conhecemos, certamente era uma escrita que exigia tempo e grande dedicação. O Apóstolo escreveu sozinho nos vários momentos que esteve na prisão, mas também precisou de ajuda na tarefa de difusão dos seus ensinamentos e, para isso, contou com alguns secretários e de acordo com vários estudiosos, como Paulo era um intelectual suas mensagens foram aprofundadas e rescritas por meio de um grupo que se imagina uma espécie de "Escola Paulina". É importante também identificar as diferenças na escrita do Apóstolo, pensar na participação de terceiros e nos intervalos de tempo entre os fatos que aconteciam. E, sobretudo, ampliar o olhar quanto ao entendimento da

escrita bíblica. As cartas de Paulo, apesar de na história retratarem fatos posteriores aos ensinamentos de Jesus, cronologicamente, como escrita bíblica, são precedentes aos Evangelhos. O apóstolo Paulo é um dos personagens que, apesar de não ter convivido com Jesus, através de sua capacidade intelectual, deu a vida e ajudou as primeiras comunidades cristãs a compreenderem a figura de Cristo. Paulo nasceu em Tarso, na região da Cilícia, era judeu e estudou em Jerusalém. De perseguidor do cristianismo, ele passou a pregador, após Jesus lhe aparecer, em forma de luz, na estrada de Damasco. Paulo fez várias viagens missionárias por diversas cidades para anunciar a boa nova do reino de Deus e depois continuou sua missão de acompanhar cada uma destas comunidades por meio de várias cartas que escreveu. O tema central da pregação de São Paulo é a Salvação e a proposta de suas cartas é formar os cristãos “homens novos”, renovados pela luz do batismo em Cristo. É a partir deste raciocínio que Paulo traça a sua pregação. Ele metodologicamente compara a Igreja a um corpo feito por muitos membros, porém comandados por uma só cabeça. Trata-se do texto de sua carta aos Coríntios (1Cor 12, 12ss). De acordo com este texto, nenhum membro pode faltar para que o corpo todo esteja bem. Assim, na Igreja de Jesus, da qual Ele, o Cristo, é a Cabeça, ninguém é excluído, há lugar para todos, e ninguém é maior do que ninguém. Pensando na escrita epistolar de Paulo como recurso utilizado na prática docente Católica, o que se pode perceber em suas cartas?

Como ele desempenhou sua função de pedagogo?

No capítulo 4, versículos 14 e 15 da primeira carta aos Coríntios ele diz: “Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos advertir, como filhos muito amados. Com efeito, ainda que tivésseis dez mil mestres em Cristo, não tendes muitos pais; ora, fui eu que vos gerei em Cristo Jesus pelo Evangelho”. Ainda nessa carta, no capítulo 7, versículos 6 e 7 ele diz: “Digo isso por compreensão, não querendo impor uma ordem. Gostaria que todos fossem como eu; no entanto, cada qual recebeu de Deus o seu carisma, um deste modo, o outro daquele.” Paulo se apresentava como mestre e pai, ele ensinava e comunicava. Suas cartas dirigidas a diferentes comunidades possuem um padrão de escrita parecido. Ele iniciava com o endereçamento, a saudação inicial, o desenvolvimento do tema da carta e conclusão com recomendações e despedidas. Em algumas ele cita a presença de outras pessoas que estão com ele e que possivelmente também

conheciam a comunidade a quem era destinada a carta. Ele escrevia para animar os cristãos, confortá-los na fé, esclarecer dúvidas, motivá-los. Segundo estudiosos da escrita Paulina, ele geralmente ditava suas cartas e alguém, um discípulo seu, escrevia-as. Com possíveis exceções quanto à carta a Filemon, que segundo dizem foi escrita pelas mãos do próprio Paulo. Quanto à carta aos Hebreus, apesar de refletir as ideias de Paulo, existem algumas dúvidas com relação à sua autoria, visto que apresenta um estilo que diverge das outras. **CARTAS DE CLARA DE ASSIS** Clara viveu entre os séculos XII e XIII. Ela nasceu em Assis em 1193 e morreu na mesma cidade em 1253, aos 60 anos. É a fundadora da Ordem Religiosa das "Clarissas" e foi a primeira mística franciscana. Encontrou São Francisco de Assis em 1210, no auge de sua juventude e, após ouvir as pregações daquele Santo, decidiu renunciar à nobreza e à riqueza para ingressar na pobreza e na humildade. Viveu mais de quarenta anos no Mosteiro de São Damião e foi lá que morreu. Contudo, seus restos mortais, bem como uma exposição com algumas das roupas que ela usou, fios de cabelo e um livro de orações, estão na Basílica a ela dedicada em Assis. Na Catequese semanal do Papa Bento XVI, em 15 de setembro de 2010, ele lembrou Santa Clara enfatizando que o testemunho de Clara mostra o quanto a Igreja deve a mulheres corajosas e ricas na fé como ela, capazes de dar um impulso decisivo para a renovação da Igreja (*L'Osservatore Romano*, 18 de setembro de 2010, p.16). Clara influenciou muito a Igreja Católica da Idade Média. Ela, apesar de não ser tida como grande escritora ou doutora da Igreja, como Santa Catarina de Sena e Santa Teresa D'Ávila, desenvolveu uma prática educativa relevante por meio de seus escritos. Os mais conhecidos são: "A Regra", o "Testamento" e "Cinco Cartas". Possivelmente, Clara escreveu outras, porém não existem registros. As destinatárias de suas cartas são duas mulheres: quatro ela escreveu para Santa Inês de Praga e uma para Ermentrudis de Bruges. Na quarta carta para Inês, ela diz: "Não te cause estranheza [...] que eu não tenha escrito tantas vezes quanto o desejava o coração [...]. O problema é a falta de mensageiros e os enormes perigos dos caminhos." (Fontes Franciscanas II, 1994, IV Carta, 4-6). Por conta das dificuldades da época, provavelmente, ela precisou utilizar diversas estratégias para conseguir enviar suas cartas às destinatárias. Os principais assuntos tratados são: amizade, aspirações da alma, oração, contemplação. Ela menciona algumas respostas a possíveis perguntas das

destinatárias. Na terceira carta a Inês, ela afirma: "Mas não quero terminar sem dar resposta à questão que, em caridade, me puseste, sobre o jejum e as festas em que podemos variar a nossa alimentação [...]" (Fontes Franciscanas II, 1994, III Carta, 29). Clara informa como ela deve proceder nesse aspecto e também realiza outros tipos de orientações e aconselhamentos. Ela inicia as cartas acompanhando o nome da destinatária com expressões que demonstram aproximação e intimidade. Quanto a ela, apresenta-se com títulos humildes. Conclui as cartas com exortações ao Senhor e súplicas de orações. Em síntese, em sua prática docente por meio das cartas, Clara ensina a olhar Jesus como um espelho para chegar a Deus. No catolicismo, Clara de Assis é tida como modelo de vida e inspiração para muitos católicos, dentre estes a professora italiana Chiara Lubich, fundadora do Movimento Focolares[6]. A Santa adquiriu tamanho significado na vida de Chiara, que ela que havia sido batizada com o nome de Silvia, ao ingressar na Ordem Terceira de São Francisco, adotou o nome de Chiara, que significa Clara em italiano[7]. Em muitas ocasiões, Chiara falou sobre Santa Clara. Em 2002, ela disse que certa vez ganhou de presente um livro com ilustrações antigas sobre a vida de Clara de Assis. "Eram episódios importantes da vida da Santa", representados segundo Lubich (2002) "com um aspecto ingênuo, doce e encantador":

Não me lembro de todos. Estava representado o seu encontro com São Francisco e a sua doação a Deus na Porciúncula; a sua vida plena de caridade com as irmãs; quando, com o ostensório nas mãos, ela deteve a invasão dos sarracenos; a visita do Papa a São Damião com o milagre do sinal da cruz entalhado nos pães; a edificante morte de Clara em meio ao pranto desconsolado das suas coirmãs: acontecimentos célebres, reproduzidos por um artista de valor (LUBICH, 27 de junho de 2002, p. 1).

Chiara disse que, entre todos os episódios, um lhe surpreendeu mais: Santa Clara que contava os seus "atos de amor" do dia (gestos de bondade e doação) colocando pedrinhas recolhidas num vaso.

"Como?

", eu me perguntei. Clara de Assis não é uma alma de imensos horizontes, farol de luz, de Sabedoria para os seus contemporâneos?

Não é aquela criatura claríssima, que nenhuma palavra, com todos os

adjetivos de luz imagináveis, conseguia descrever?

Mesmo assim, nós a vemos ali, contando as pedrinhas para verificar se naquele dia amou mais do que no dia anterior; portanto, se cresceu no amor a Deus e ao irmão (LUBICH, 27 de junho de 2002, p. 2). Chiara parece ter ficado surpresa com essa constatação, mas ao mesmo tempo é como se lhe servisse de encorajamento: “aquele quadro deu explicação e valor à exigência que, de vez em quando, sentimos: contar, de alguma forma, os nossos atos de amor a Deus, à sua vontade ou ao próximo.” (LUBICH, 2002, p. 2). Uma das últimas vezes que Chiara falou publicamente sobre Santa Clara foi em 11 de agosto de 2004, na festa de seu onomástico. Utilizando como fonte alguns trechos da terceira carta de Clara à Santa Inês, Chiara discorreu sobre “a união com Deus em Santa Clara de Assis” e após algumas explicações sobre o tema, lançou uma questão: “E o que Clara nos ensina?

Ela nos ensina que, embora a nossa estrada seja bem diferente da sua, devemos vivê-la perfeitamente, sem nos pouparmos em nada” (LUBICH, 11 de agosto de 2004, p.4). Chiara concluiu agradecendo a Santa Clara pelo exemplo luminoso de fidelidade ao chamado de Deus e encorajou os membros dos Focolares a pedirem à Santa que os ajudassem a atingir, como ela, a perfeição, a santidade. **CATARINA DE SENA** Catarina de Sena teve um papel importante na Igreja, ela foi protagonista de uma intensa atividade de conselhos espirituais. Foi uma religiosa que pode ser olhada por uma multiplicidade de dimensões nos campos religioso, político e literário, além da ação pela paz entre os homens e pela unidade dos cristãos. Catarina nasceu em Sena, na Itália, no século XIV, viveu apenas 33 anos, e aprendeu a escrever quando já era adulta. Muitos objetos que foram utilizados por ela permanecem na casa onde viveu. Em seus últimos dez anos de vida ela escreveu 381 cartas[8] a pessoas diversas: Papas, cardeais, arcebispos, bispos, sacerdotes, monges, monjas, religiosos e religiosas, reis, rainhas, governantes, senadores, magistrados, embaixadores, comandantes militares, médicos, juízes, advogados, tabeliães, estudiosos, artistas, familiares, esposos, viúvas, encarcerados, prostitutas e leigos em geral. Quando estava prestes a morrer, escreveu a seu confessor e diretor espiritual Frei Raimundo de Cápuia pedindo que ele, juntamente com outros dois frades, guardassem seus escritos “fazei deles o que vos parecer mais útil para a glória divina [...]” (SANTA CATARINA *apud* BASÍLIO, 2005, Carta 373,10, p. 1269-1275). Alguns temas presentes na

prática formativa de Catarina por meio das cartas são: auto-conhecimento, apostolado, caridade, conversão, Deus, egoísmo, família, governantes, gratidão, Igreja, impaciência, obediência, oração, paciência, virtudes e vida cristã. Sobre a obediência, na carta 36 que é dirigida a noviços, Catarina diz: “[...] meus filhos sede obedientes. Da obediência brota a humildade, da humildade brota a obediência. E as duas procedem da chama da caridade [...]” (SANTA CATARINA *apud* BASÍLIO, 2005, Carta 36,6, p. 123-126). No que diz respeito à paciência, na carta 13, dirigida a um amigo comerciante em Sena, ela fala sobre as quatro coisas necessárias para ser paciente: “primeiro ter fé; segundo, devemos pensar que tudo vem de Deus por amor; terceiro, devemos crer que até na dor Deus nos quer felizes; quarto devemos meditar sobre os próprios pecados e defeitos, sobre o quanto já ofendemos a Deus” (SANTA CATARINA *apud* BASÍLIO, 2005, Carta 13,3, p. 45-49). Catarina concluiu a carta pedindo que ele fosse forte e que não relaxasse na suave disciplina da religião. Ela iniciava as cartas sempre saudando o destinatário e dizendo com muita exatidão a finalidade que pretendia alcançar com sua mensagem. Incluía um ou dois adjetivos, os mais comuns eram: caríssimo, diletíssimo, reverendíssimo, venerável, santíssimo e dulcíssimo. O assunto principal era abordado aos poucos, vagarosamente, sob os diversos pontos de vista. A Igreja percebeu tal riqueza em seus vários ensinamentos que o Papa Paulo VI, em 1970, declarou-a doutora da Igreja, precedida neste título como mulher apenas por Santa Teresa D’Ávila. Segundo Lubich (1995), Catarina ensina que a Igreja é Igreja quando é “una” na fé e no amor. Assim a professora italiana encorajava os membros dos Focolares para que entrassem na escola desta grande mestra e que aprendessem as suas lições. Em 18 de setembro de 1987, Chiara Lubich recebeu em Sena a Placa Catariniana, uma homenagem do Centro Catariniano de Sena. A justificativa era que Chiara foi uma leiga que, como Santa Catarina, era empenhada na Igreja no tempo atual, tanto na espiritualidade, como no ecumenismo, na paz, na justiça e no diálogo entre os povos. Em seu discurso, Chiara agradeceu e disse sentir-se feliz e honrada com a homenagem e reconhecimento. Aproveitou para fazer um agradecimento especial à Santa Catarina.

Alegro-me imensamente por esta oportunidade de poder exprimir toda a minha gratidão a esta Santa, doutora da Igreja. No curso da nossa história, com mais de quarenta anos, ela sempre esteve muito perto de nós, como

uma irmã espiritual extraordinária, como uma amiga fiel, como um modelo maravilhoso ao qual podemos olhar para nos inspirarmos, para permanecermos confortados no nosso caminho, tão semelhante ao seu, embora tão diferente, mas, sobretudo para termos uma confirmação através da sua espiritualidade, dos fundamentos da nossa (LUBICH. In: Mariápolis, 1987, n. 9, p. 11).

Neste discurso, Chiara fez muitas outras citações enfatizando sempre o uso das várias cartas de Santa Catarina. **TERESA D'ÁVILA** Teresa nasceu em Ávila, Espanha, em 1515, com o nome de Teresa de Ahumada. Ficou órfã aos 12 anos e pediu à Virgem Santíssima que fosse sua mãe. A experiência como aluna das freiras agostinianas de Santa Maria das Graças, de Ávila, e a leitura de livros espirituais, em sua maioria clássicos da espiritualidade franciscana, ensinaram-lhe o recolhimento e a oração. Aos 20 anos, entrou para o Convento Carmelita da Encarnação, em Ávila. Teresa escreveu mais de vinte mil cartas num espaço de vinte anos. Correspondeu-se com muitas autoridades da época, na Espanha e fora dela; entre eles: cardeais, bispos e reis. Teresa conseguiu tecer relações de amizade espiritual com muitos santos, especialmente com São João da Cruz, com quem, em 1568, construiu, em Duruelo, perto de Ávila, o primeiro convento das Carmelitas Descalças. Era formada espiritualmente pela leitura dos Padres da Igreja: São Jerônimo, São Gregório Magno, Santo Agostinho, dentre outros. De acordo com Uhle (2002),

Teresa d'Ávila, [...] reformadora do Carmelo e primeira doutora da Igreja Católica, produziu ao longo de quarenta anos uma obra educacional que sobrevive ainda hoje na organização e nos princípios de escolas confessionais. A correspondência ativa e passiva da santa espanhola tece a malha que envolve o espírito do Carmelo como o lugar onde se desenvolvem as virtudes. É da formação para o encontro com Deus que a correspondência se ocupa, deixando lições de educação exemplar. Aqui também a obra vai sendo construída aos poucos, no diálogo com teólogos, com confesores e com amigos. Tomando o cuidado para não provocar a Santa Inquisição, Teresa faz propostas, afirma princípios de educação (UHLE, 2002, p. 11). Em 1566, Teresa escreveu o "Caminho da perfeição", uma espécie de manual com instruções formativas, chamado por ela de

"Admoestações e conselhos" que dava às suas religiosas. As destinatárias são as doze noviças do Carmelo de São José, em Ávila. Teresa lhes propôs um intenso programa de vida contemplativa ao serviço da Igreja, em cuja base estavam as virtudes evangélicas e a oração. Alguns temas presentes nos escritos de Teresa são: amizade, amor, castelo interior, céu, boas companhias, conhecimento próprio, contemplação, fé, bom exemplo, paz, ingratidão, inspiração, leitura, obediência, paciência, humildade, dentre outros. Falecida em 1582, Teresa D'Ávila foi canonizada em 1622 e proclamada padroeira dos escritores. Em 1970, o papa Paulo VI a declarou doutora da Igreja, ao lado de outros santos como Agostinho e Tomás de Aquino. Foi a primeira mulher a receber este título, seguida no mesmo ano por Catarina de Sena. Olhando a vida de Santa Teresa, podemos pensar algumas questões ligadas à educação: ela desenvolveu uma intensa atividade docente no século XVII; foi a primeira mulher a receber o título de doutora da Igreja (o que só aconteceu mais de 400 anos após a sua morte); sua festa litúrgica acontece no dia 15 de outubro. Como nesse dia se comemora no Brasil o dia do professor, ela é também considerada, para os brasileiros, padroeira dos professores. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Após esta análise percebe-se a força das correspondências no âmbito do catolicismo. Pode-se constatar que são tidas como verdadeiros recursos e suportes pedagógicos para a difusão do catolicismo e propagação dos ensinamentos da Igreja. A produção de pesquisas no campo da escrita epistolar católica nas últimas três décadas tem ressaltado a importância de investigar a temática, buscando verificar o que estes escritos têm a nos dizer e a contribuição que podem proporcionar à História da Educação. Esta investigação torna evidente que estes Santos utilizaram as cartas como uma estratégia viável à sua época, para manter-se em contato com as pessoas e difundir seus carismas, suas ideias. É importante ressaltar, como já mencionado, que as cartas fazem parte de uma estratégia utilizada pela Igreja, desde o início do Cristianismo para evangelizar os fiéis. Investigar a Pedagogia do Catolicismo por meio da escrita destes Santos possibilitou conhecer e acompanhar as atividades de indivíduos, que mesmo fora dos muros da escola, proporcionaram, por meio de cartas, formação, instrução e transmissão de valores católicos a pessoas de diversas partes do mundo. **REFERÊNCIAS** BASÍLIO, João Alves (Trad.). Santa Catarina de Sena. **Cartas Completas**. São Paulo: Paulus, 2005. BENTO XVI, Papa. A Igreja

deve muito às mulheres. In: **L'Osservatore Romano**. Edição semanal em português. Sábado 18 de setembro de 2010. p. 16. **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 31 ed. São Paulo: Ave Maria, 1981. BOURDIEU, Pierre. "Gênese e estrutura do campo religioso". In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78. BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. BOURDIEU, Pierre. "Algumas propriedades dos campos". In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1980. CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis-RJ; São Paulo: Vozes; Paulinas; Loyola; Ave-Maria. 1993. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. CHARTIER, Roger. (Dir). **La Correspondance**. *Les usages de la lettre au XIX siècle*. Paris: Fayard, 1991. CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002a. DANTAS, Maria José. **"Escrever-te-ei... tu também me escreverás?" a escrita epistolar católica como prática docente**: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2014. (Tese de Doutorado) Fontes Franciscanas II – **Santa Clara de Assis**: Escritos, Biografias. Ed. Franciscana: Braga, 1994. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. LUBICH, Chiara. **União com Deus em Santa Clara de Assis**. Bulle, 11 de agosto de 2004. Festa de Santa Clara. (Mimeo). LUBICH, Chiara. **Uma pequena-grande ideia**. Pensamento Espiritual. Castelgandolfo, 27 de junho de 2002. (Mimeo). NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na antiguidade cristã**: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo. São Paulo: EPU: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978. Pio XI. Encíclica *Divini Illius Magistri*: Sobre a educação cristã da juventude. Roma, 31 de dezembro de 1929. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974. SGARBI, Antonio Donizetti. **Igreja, Educação e modernidade na década de 30 Escolanovismo Católico**: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1997 (Dissertação de Mestrado). SGARBI, Antonio Donizetti. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas**: Estratégias para construir uma "civilização cristã" e conformar o campo pedagógico através do impresso

(1929-1938). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2001 (Tese de Doutorado). SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.). **A Cultura Escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189. UHLE, Águeda Bittencourt. Sobre amantes e amadores de edição. In: BUENO, Belmira Oliveira; AQUINO, Júlio Groppa; CARVALHO, Marília Pinho de (Orgs.). Política de Publicação Científica em Educação no Brasil Hoje. **Estudos e Documentos**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. N. 43. São Paulo; FEUSP, 2002. p. 9-30.

#### NOTAS:

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2014); Professora do Departamento de Educação DED/UFS; integrante do Grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições escolares e práticas educativas. E-mail: mariajosedantas@yahoo.com

.br

[1] Por História da Igreja se entendeu por muito tempo a história da instituição eclesiástica, a partir de uma visão confessional. Esta perspectiva, especialmente nas décadas de 60-70 do século XX, se alargou notavelmente, quer em relação ao estudo dos contextos nos quais a Igreja viveu, como também no que diz respeito à evolução da sua concepção, que passou de confessional a ecumênica. Neste sentido várias confissões cristãs tendem a superar, reciprocamente, uma visão exclusivamente negativa, observando que cada uma delas tem valores próprios e possui alguma coisa de particular para dizer e doar aos outros (Curso de História da Igreja, 2003, p. 11).

[2] Um estudo sobre a pedagogia católica fundamentada em Manuais de Catecismos foi realizado por Evelyn de Almeida Orlando (2008). Para mais informações consultar: ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma Civilização Cristã**: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do Catecismo (1937-1965). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2008 (Dissertação de Mestrado).

[3] A Encíclica foi publicada em 1929, em meio a muitos conflitos sobre a educação: na Itália, aqueles travados entre o Papa Pio XI e Mussolini. No Brasil, entre católicos e escolanovistas liberais. Maiores informações sobre estas questões e sobre a análise e explicação dos pressupostos da Educação Católica na Encíclica *Divini Illius Magistri* consultar dentre outras fontes Sgarbi (1997; 2001).

[4] Para mais detalhes sobre a acepção culturas escolares consultar, dentre outras fontes: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.). **A Cultura Escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005; SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189; VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

[5] Dos 27 livros contidos no Novo Testamento 21 são cartas: sete cartas paulinas (1ª aos Tessalonicenses, 1ª aos Coríntios, 2ª aos Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filemon, Romanos), sete cartas «deuteropaulinas», ou seja, escritas por autores desconhecidos sob o pseudônimo Paulo (Colossenses, Efésios, 2ª aos Tessalonicenses, 1ª a Timóteo, 2ª a Timóteo, Tito, Hebreus), sete cartas gerais, ditas «católicas» (Tiago, 1ª de Pedro, 2ª de Pedro, Judas, 1ª de João, 2ª de João, 3ª de João).

[6] Um movimento de espiritualidade nascido no âmbito católico, mas de abertura ecumênica e de diálogo inter-religioso e intercultural, está difundido em 186 países dos cinco continentes. Focolares vem do nome oficial em italiano *focolari*, que significa lareira, local que aquece o lar. O Movimento iniciado por Chiara Lubich é um amplo Movimento de Vida e Espírito, que atua nas várias expressões da sociedade e da cultura humana. Leva-se em consideração, de modo particular sua dimensão pedagógica, sobretudo, pela ênfase dada por Chiara a esse aspecto pedagógico.

[7] No âmbito do Movimento dos Focolares o “nome novo” Chiara, é tido como uma evidência de sua consagração a Deus, visto que esse ato representa um momento de corte e de ruptura com o mundo, para voltar-se apenas para Deus. Em muitas ordens religiosas católicas (associações religiosas caracterizadas pela aceitação de uma vida regida pelos votos de obediência, castidade e pobreza) com a consagração acontece também a mudança do nome, o corte do cabelo e o uso do hábito.

[8] Suas “Cartas Completas” foram publicadas no Brasil pela editora *Paulus* em 2005.

**REFERÊNCIAS** BASÍLIO, João Alves (Trad.). Santa Catarina de Sena. **Cartas Completas**. São Paulo: Paulus, 2005. BENTO XVI, Papa. A Igreja deve muito às mulheres. In: **L’Osservatore Romano**. Edição semanal em português. Sábado 18 de setembro de 2010. p. 16. **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 31 ed. São Paulo: Ave Maria, 1981. BOURDIEU, Pierre. “Gênese e estrutura do campo religioso”. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78. BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**.

São Paulo: Brasiliense, 1990. BOURDIEU, Pierre. "Algumas propriedades dos campos". In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1980. CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis-RJ; São Paulo: Vozes; Paulinas; Loyola; Ave-Maria. 1993. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. CHARTIER, Roger. (Dir). **La Correspondance**. *Les usages de la lettre au XIX siècle*. Paris: Fayard, 1991. CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002a. DANTAS, Maria José. **"Escrever-te-ei... tu também me escreverás?" a escrita epistolar católica como prática docente**: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2014. (Tese de Doutorado) Fontes Franciscanas II – **Santa Clara de Assis**: Escritos, Biografias. Ed. Franciscana: Braga, 1994. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. LUBICH, Chiara. **União com Deus em Santa Clara de Assis**. Bulle, 11 de agosto de 2004. Festa de Santa Clara. (Mimeo). LUBICH, Chiara. **Uma pequena-grande ideia**. Pensamento Espiritual. Castalgandolfo, 27 de junho de 2002. (Mimeo). NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na antiguidade cristã**: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo. São Paulo: EPU: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978. Pio XI. Encíclica *Divini Illius Magistri*: Sobre a educação cristã da juventude. Roma, 31 de dezembro de 1929. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974. SGARBI, Antonio Donizetti. **Igreja, Educação e modernidade na década de 30 Escolanovismo Católico**: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1997 (Dissertação de Mestrado). SGARBI, Antonio Donizetti. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas**: Estratégias para construir uma "civilização cristã" e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2001 (Tese de Doutorado). SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.). **A Cultura Escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189. UHLE, Águeda Bittencourt. Sobre amantes e amadores de edição. In: BUENO, Belmira Oliveira; AQUINO, Júlio Groppa; CARVALHO, Marília Pinho de (Orgs.). Política de Publicação Científica em Educação no Brasil Hoje. **Estudos e Documentos**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. N. 43. São Paulo; FEUSP, 2002. p. 9-30.

**NOTAS:** [1] Por História da Igreja se entendeu por muito tempo a história da instituição eclesial, a partir de uma visão confessional. Esta perspectiva, especialmente nas décadas de

60-70 do século XX, se alargou notavelmente, quer em relação ao estudo dos contextos nos quais a Igreja viveu, como também no que diz respeito à evolução da sua concepção, que passou de confessional a ecumênica. Neste sentido várias confissões cristãs tendem a superar, reciprocamente, uma visão exclusivamente negativa, observando que cada uma delas tem valores próprios e possui alguma coisa de particular para dizer e doar aos outros (Curso de História da Igreja, 2003, p. 11). [1] Um estudo sobre a pedagogia católica fundamentada em Manuais de Catecismos foi realizado por Evelyn de Almeida Orlando (2008). Para mais informações consultar: ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma Civilização Cristã**: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do Catecismo (1937-1965). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2008 (Dissertação de Mestrado). [1] A Encíclica foi publicada em 1929, em meio a muitos conflitos sobre a educação: na Itália, aqueles travados entre o Papa Pio XI e Mussolini. No Brasil, entre católicos e escolanovistas liberais. Maiores informações sobre estas questões e sobre a análise e explicação dos pressupostos da Educação Católica na Encíclica *Divini Illius Magistri* consultar dentre outras fontes Sgarbi (1997; 2001). [1] Para mais detalhes sobre a concepção culturas escolares consultar, dentre outras fontes: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.). **A Cultura Escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005; SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189; VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005. [1] Dos 27 livros contidos no Novo Testamento 21 são cartas: sete cartas paulinas (1ª aos Tessalonicenses, 1ª aos Coríntios, 2ª aos Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filemon, Romanos), sete cartas «deuteropaulinas», ou seja, escritas por autores desconhecidos sob o pseudônimo Paulo (Colossenses, Efésios, 2ª aos Tessalonicenses, 1ª a Timóteo, 2ª a Timóteo, Tito, Hebreus), sete cartas gerais, ditas «católicas» (Tiago, 1ª de Pedro, 2ª de Pedro, Judas, 1ª de João, 2ª de João, 3ª de João). [1] Um movimento de espiritualidade nascido no âmbito católico, mas de abertura ecumênica e de diálogo inter-religioso e intercultural, está difundido em 186 países dos cinco continentes. Focolares vem do nome oficial em italiano *focolari*, que significa lareira, local que aquece o lar. O Movimento iniciado por Chiara Lubich é um amplo Movimento de Vida e Espírito, que atua nas várias expressões da sociedade e da cultura humana. Leva-se em consideração, de modo particular sua dimensão pedagógica, sobretudo, pela ênfase dada por Chiara a esse aspecto pedagógico. [1] No âmbito do Movimento dos Focolares o “nome novo” Chiara, é tido como uma evidência de sua consagração a Deus, visto que esse ato representa um momento de corte e de ruptura com o mundo, para voltar-se apenas para Deus. Em muitas ordens religiosas católicas (associações religiosas caracterizadas pela aceitação de uma

vida regida pelos votos de obediência, castidade e pobreza) com a consagração acontece também a mudança do nome, o corte do cabelo e o uso do hábito. [1] Suas “Cartas Completas” foram publicadas no Brasil pela editora *Paulus* em 2005.

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2014); Professora do Departamento de Educação DED/UFS; integrante do Grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições escolares e práticas educativas. E-mail: mariajosedantas@yahoo.com.br

Recebido em: 04/08/2016

Aprovado em: 05/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: